

TEATRO

Broadway arrisca pouco e tem sotaque londrino

GERALD THOMAS
de Nova York

Nestes últimos 20 anos, não me lembro de passar uma única semana sem que algum recém-chegado a Nova York me perguntasse logo de cara qual era o show da Broadway que eu tinha para recomendar. "Mas que tipo de show você quer ver? Peça ou musical?" era a minha pergunta costumeira. Atônita, a voz ao telefone sempre me dava a mesma resposta: "Peça? Não, acho que não vou entender... Quero ver dança, quero ver cenários alucinantes... Qual é a que tem mais efeitos especiais?"

Claro, o turista vem para se divertir e não parece estar interessado em longas e tediosas explicações sobre a origem e a evolução desse conglomerado de estilos e tendências teatrais que acabou sendo batizado, simplesmente, de "Broadway".

Seja ele um estudante dinamarquês, um punk japonês, um ex-guerrilheiro cubano, um médico alemão ou um mero "comprador" brasileiro, o turista quer é participar do "evento" Broadway, assim

como um plebeu, encantado com as jóias da monarquia. O que interessa é estar sob os luminosos frenéticos de Times Square, fazendo parte dessa festa cosmopolita, que acabou se transformando num extraordinário empreendimento capitalista e que arrisca pouco e aposta no gosto médio, no mínimo denominador comum, como se fosse um produto qualquer. Mas nem sempre foi assim.

Entra ano, sai ano, percebo que as pessoas sofrem de excesso de preconceito ou idolatria, repúdio ou fascínio por essa fênix. Sim, fênix, porque, há menos de duas décadas, a Broadway foi praticamente dada como morta. Seu estado moribundo se devia à crescente especulação imobiliária em torno de Times Square, aos altíssimos custos da mão-de-obra responsável pela produção das montagens e às terríveis exigências sindicais. Seus poucos teatros operantes andavam vazios, suas cortinas, fechadas, seus produtores, paralisados. A solução? Alguns empresários teatrais se voltaram para Londres, que, aliás, já tinha incorporado o estilo de musical americano.

Portanto, não deixa de ser irônico que é na mesma Londres, antigo objeto de rebeldia do teatro americano, que grande parte dos musicais é hoje concebida, escalada e "testada". O West End contemporâneo é uma "quase Broadway", ou melhor, uma "pré-Broadway", já que os custos de montagem lá são menores, os riscos de sobrevivência menos cruéis e o público mais conivente.

A Inglaterra pós-guerra, aliás, devolveu a cultura teatral americana aos americanos, da mesma forma que também já havia absorvido (e devolvido) o blues ou o rock'n'roll por meio do dom dos Stones, dos Beatles e do Led Zepelin, só pra citar alguns.

Hoje a maioria das produções em cartaz é imigrante em seu próprio país. Não é só (o eterno) "Cats", "Fantasma da Ópera" ou "Miss Saigon" que falam com sotaque britânico. Até mesmo a recriação (muito boa, aliás) de "Cabaret" ou uma versão de "Electra", com a premiadíssima Zoe Wanamaker, ou "Iceman Cometh", do mais americano dos autores americanos, Eugene O'Neil, desembarcam

em Nova York já tendo a aprovação e a ovação prévia do público londrino.

O fato é que, depois dessa rápida década de crises e fracassos, o sucesso retornou como nunca e seus teatros nunca estiveram tão cheios e os lucros, tão altos. Claro, isso não quer dizer que a Broadway passe por um dos seus períodos mais criativos. Ao contrário, ela atravessa uma de suas fases mais conservadoras, arriscando menos do que nunca e apostando em fórmulas conhecidas, superadas.

Mas poucos, muito poucos, conhecem suas origens ou entendem a razão de sua linguagem no que vai além do imenso fascínio pela precisão e pela sincronicidade, maior do que no mais uniformizado dos exércitos, e da idéia de "timing" (expressão usada e abusada no teatro do mundo todo e que nasceu na Broadway), que chega perto da obsessão de uma lei dessa sua, toda própria, natureza.

O teatro musical da Broadway nasceu da necessidade visceral de achar uma identidade própria, americana, de estabelecer um teatro com sotaque americano e, com

isso, se livrar da arte dos colonizadores europeus, excessivamente intelectualizada, infértil, reflexiva demais, muitas vezes racista e quase sempre esnobe, que dominava os palcos no início do século. Filha do cruzamento entre o velho e o novo mundo, sua característica mais nítida é que incorpora tudo e todos os estilos que quiser, camaleonicamente. A Broadway é uma sátira, uma comemoração, um brado de independência e, portanto, não poderia deixar de ter características dos dois, exibindo, magistralmente, a mesma colcha de retalhos étnicos e socioculturais que compõe o resto do país.

Por repúdio às "reflexões profundas" do teatro engajado, esse aqui é, deliberadamente, o território da fantasia e do recreio. Às vezes surreal ou meramente inocente, ele é o lugar onde o "idealismo americano", a "versão" americana, se expressa para o mundo e o faz no maior estilo possível. Para isso, a Broadway se inventa e reinventa todos os dias e não esconde as raízes nem disfarça suas influências.

Absorvendo tudo aquilo que cai em sua teia, das heranças culturais

aqui deixadas, como o "vaudeville", o "can-can", o "cabaret" e o "melodrama" italiano até a leveza amarga do sapateado oriundo da profundidade dos guetos, ou a sofisticação da crítica social de um Tennessee Williams. A Broadway transforma tudo em ação, na cultura da ação, como os filmes que saem de Hollywood. E é justamente nessa ação que convivem, lado a lado, as mais contraditórias facetas da arte tradicional e moderna, desde pirotécnica de efeitos deslumbrantes do "Fantasma da Ópera" até um deserto árido onde dois "clowns" esperam um "Godot" que nunca chega.

Mas os turistas que chegam a Nova York, de todas as partes do mundo, têm algo em comum. Querem ver, na Broadway, a "vida como ela não é", nomes famosos e estrelas de cinema em carne e osso. Aliás, ultimamente, parece ser justamente a carne de Nicole Kidman que está superando qualquer grande efeito especial. A prova mais engraçada disso me veio, outro dia, revestida de um sacana sotaque carioca: "E a mulher do Tom Cruise, cara? Nuazinha? Que tal?"